

# **ALGUNS ESTUDOS BARROQUIZANTES (OU “ESTRONDOSOS BRADOS”) ACERCA DO ANTIGO ARRAIAL DE SÃO MIGUEL DO CAJURU**

**José Antônio de Ávila Sacramento**

## **INTRODUÇÃO**

**N**a região do Campo das Vertentes, em Minas Gerais, destacam-se dois grandes centros de obras de excepcional significação arquitetônica e artística barrocas que são, respectivamente, São João del-Rei e Tiradentes. Ao lado destes dois importantes conjuntos, pela riqueza de seus acervos, podem ser ainda enumeradas outras cidades como Prados, Barbacena, Andrelândia, Lagoa Dourada, Conceição da Barra de Minas e São Brás do Suaçuí, para citar apenas alguns exemplos dignos, dentre os vários existentes.

Inserido neste contexto (na antiga e famosa Comarca do Rio das Mortes) está a Vila de Arcângelo, distrito do município de São João del-Rei, primitivamente denominado Arraial de São Miguel do Cajuru, geograficamente localizado na região acima descrita. Surgido sobre o antigo leito do caminho de tropeiros paulistas, é local pouco conhecido dos são-joanenses; a exemplo de inúmeros povoados mineiros, o arraial cresceu em torno de um monumento religioso, no caso específico a Igreja de São Miguel, a qual apresenta em seus tetos, pintura decorativa religiosa de inusitado valor.

A sede do distrito dista apenas 36 km da sede do Município – 27km de asfalto, mais 9 km de estrada de terra -, e sua população é bastante rarefeita e de aspecto simples; em sua maioria vive da exploração da agropecuária, principal atividade da região.

Único monumento religioso do local, se não considerarmos um Cruzeiro em estilo tradicional, erigido numa de suas entradas, a Igreja de São Miguel guarda belíssima pintura sacra de valor inestimável cultural e artístico, a qual merece ser analisada com maior profundidade, carecendo até bem pouco tempo, de maiores cuidados no campo da restauração e preservação dos seus aspectos originais, os quais se apresentavam em inicial estado de decadência, e que requeriam a tomada de providências.

Felizmente, após anos de luta, o autor, com o imprescindível auxílio de outras

peessoas, conseguiu alertar as autoridades para o valor artístico e histórico das pinturas que ali estavam “escondidas”, sem voz e sem vez, se perdendo pela indelével ação do tempo. Em boa hora, em 03 de outubro de 1999, na gestão do prefeito Fernando Félix Vera Cruz, o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, presidido por Luiz D’Angelo Pugliese, promoveu o tombamento da Igreja (o primeiro, a nível municipal, efetuado pelo referido Conselho) tendo como eficientes e dedicados relatores os conselheiros Oyama de Alencar Ramalho e Aluizio José Viegas. Logo após o deputado federal Aécio Cunha Neves, sensibilizado com a nossa luta, conseguiu viabilizar os recursos necessários para a restauração daquelas obras pictóricas através do Ministério da Cultura. Rendo aqui, então, o meu preito de gratidão ao deputado, ao prefeito Vera Cruz e a todos os que auxiliaram nesta empreitada.

Sobre os aspectos daquele acervo, daquela obra de arte esquecida nos sertões de Minas, faz-se necessário a presente comunicação, contando sempre com a preciosa ajuda de dados técnicos emprestados por estudiosos do período colonial mineiro.

A principal meta deste trabalho é iniciar uma discussão acerca das origens e da história daquele local e a divulgação de mais um importante exemplo de nosso rico patrimônio, ainda não tombado, mas cuja preservação se impõe por suas características de enorme e inegável valor.

A presente comunicação tem, justamente, a finalidade de apresentar um exemplo pouco conhecido, embora de evidente riqueza pictórica, sem qualquer pretensão de discussão original, e sim o estabelecimento de uma notícia básica, a partir da qual possam fazer pesquisas mais abrangentes e conclusivas sobre a obra em questão, com estudos que sejam cada vez mais detalhados por especialistas, já que esta comunicação, elaborada por um leigo, autodidata, tem apenas a pretensão de se fazer abrir os olhos para a importância daquele patrimônio, para a história, geografia e para os aspectos humanísticos e tradicionais da localidade, que outrora já conheceu dias de esplendor.

A minha luta é a luta da memória contra o esquecimento. Os grilhões de ferro que prendiam os nossos escravos e as delicadas fitas de seda são a mesma prisão, se não forem percebidas... Penso possuir a liberdade necessária para falar do Cajuru, pois lá nasci, e se cometo exageros em falar tão apaixonadamente daquele modesto local, perdoem-me: são os belos excessos da gratidão e do prazer. Não quero negligenciar a vida... Há sempre tempo para se dizer alguma coisa, mas nunca para se ficar em silêncio. Espero estar cumprindo o meu dever.



## **A DEVOÇÃO AO ARCANJO SÃO MIGUEL**

**S**ão três os grandes anjos, superiores, por isso mesmo dito arcanjos, citados na Bíblia Sagrada: Rafael, Gabriel e Miguel.

*Eu sou o Anjo Rafael, um dos sete que assistimos diante do Senhor. (Tob.12,15)*

*Eu sou Gabriel, que assisto diante (do trono) de Deus. (Lc. 1,19)*

*Eis que veio em socorro Miguel, um dos primeiros príncipes. (Dan. 10,13)*

A cada um deles, Deus teria confiado uma missão especial, simbolizada no próprio significado de seus nomes. Assim para São Rafael (*refâ'êl*, em hebraico): Medicina Dei = Medicina de Deus ou Deus curou, para São Gabriel (*gabri'êl*, hebraico): Fortitudo Dei = Força de Deus ou Homem de Deus, ou ainda Deus se manifestou forte, e para São Miguel (*mikâ'êl*, em hebraico): Quis Sicut Deus! = Quem (é) como Deus!.

Nas Escrituras vemos referência nominal ao Arcanjo São Miguel em quatro passagens: duas delas na profecia de Daniel (cap.10, 13 e 21; e cap.12,1); uma na Epístola de São Judas Tadeu (cap. Único, vers.9) e a última no Apocalipse (cap. 12, 7-12).

A Igreja não definiu nada de particular sobre São Miguel, mas tem permitido que as crenças nascidas da tradição cristã a respeito do glorioso arcanjo sigam livre curso na piedade dos fiéis e na elaboração dos teólogos. A crença de que São Miguel é o Anjo Protetor da Igreja é confirmada pelo Pastor de Hermas, célebre livro cristão, do século II, no qual se lê: “O grande e digno Miguel é aquele que tem poder sobre este povo” (os cristãos). A devoção ao Arcanjo São Miguel, teve especial desenvolvimento em fins da Idade Média, quando os terríveis flagelos - identificados, então, como os quatro cavaleiros do apocalipse - açoitavam a cristandade européia: a fome, a peste, a guerra e a morte.

Visando-se proteger contra calamidades tais, principalmente alcançar proteção a suas almas em caso de morte, os cristãos se lembravam de recorrer aos poderes superiores. “Na Idade Média, São Miguel era padroeiro especial das Ordens de Cavalaria (ordens de monges guerreiros surgidas na época das Cruzadas), que defendiam a Cristandade contra o perigo maometano”.

No Apocalipse, São João apresenta São Miguel capitaneando anjos bons, em uma grande batalha no céu, contra os anjos rebeldes, chefiados por Satanás, ali chamado dragão, o qual é precipitado nos abismos infernais com seus sequazes (Apoc. 12, 7-12).

Foi assim que a devoção a São Miguel se propagou como um escudo seguro contra os embustes e ciladas do demônio, sobretudo no momento definitivo do juízo particular, quando se define o destino eterno de cada alma. Surgiram então as Irmandades de São Miguel e Almas.

Da Europa, através dos conquistadores ibéricos, essa devoção chegou às Américas e, logicamente, ao Brasil. E, em Minas Gerais, foi no século XVIII, eminentemente barroco, como a própria devoção, que as ditas irmandades encontraram terreno fértil de propagação. Em quase todas as igrejas coloniais mineiras, sobretudo nas matrizes, quase sempre, um dos altares do transepto<sup>1</sup> é dedicado a São Miguel.

*A crença de que São Miguel é o Anjo Protetor da Igreja é muito antiga, além de o mesmo ter o poder de admitir ou não as almas no Paraíso, daí ser chamado de Guarda do Paraíso. Por volta do ano de 490 da era cristã, teve lugar a memorável aparição de São Miguel no Monte Gargano, próximo à cidade de Siponto (atual Manfredônia), na Apúlia, região sul da Itália, junto ao Mar Adriático. Um rico senhor, piedoso e caritativo, dono de importante rebanho, possuía uma pastagem, numa montanha, distante dez milhas de Siponto, sobre a qual fazia pastarem os seus animais. Entre os animais havia um touro feroz, enorme, desconfiado, que se separou do resto do rebanho. Procuraram-no durante alguns dias, inutilmente. Por fim, encontraram-no numa caverna profunda, difícil de ser atingida. Não podendo reavê-lo vivo, resolveram matá-lo. Usando o arco, atiraram uma flecha no touro, mas esta voltou-se contra quem a atirou, ferindo-o. Espantados diante deste acidente e julgando que havia algo de misterioso nisto, recorreram ao bispo de Siponto, São Lourenço. O santo ordenou um jejum de três dias e exortou os fiéis a que rezassem para obter de Deus a significação do fato estranho. Ao fim do tríduo, São Miguel apareceu ao Prelado e declarou-lhe que aquela caverna para onde o touro havia se retirado estava sob sua proteção, e que Deus desejava que ela fosse consagrada em seu nome, em honra de todos os anjos. O santo bispo, então, foi em procissão à gruta, acompanhado do clero e dos fiéis para reconhecê-la e lá chegando já a encontrou toda disposta em forma de igreja. O acontecimento tornou-se conhecido em toda a Europa e a devoção a São Miguel foi se desenvolvendo. Peregrinos de todas as partes, Papas, Reis, Imperadores consideravam uma honra e um dever visitar e rezar na gruta sagrada do Monte Gargano.*

Mais tarde, no século X, São Miguel apareceu sobre o Monte Tombes, no litoral francês, entre a Normandia e a Bretanha, onde foi erigido um santuário dos mais belos da cristandade, não só pela privilegiada posição desse monte em plena praia, mas também pelo esplendor e estilo da construção. “Lá foi erigida a Arquiconfraria Universal do Arcanjo São Miguel, aprovada canonicamente em 1604 por Clemente VIII e favorecida por Pio IX com muitas indulgências”.

O imperador romano Constantino (285-337) dedicou a São Miguel um santuário que chamou de *Michaelion*. Em Roma, no séc. IX, sete oratórios já eram dedicados ao Santo Arcanjo. A devoção ao Arcanjo Miguel foi uma das preferidas do arcebispo de Santiago de Cuba, Santo Antônio Maria Claret (1807-1870), fundador da Ordem dos Claretianos; o Arcanjo representava, para ele, a luta do bem contra os poderes infernais, donde acabou fundando a Academia de São Miguel.

---

<sup>1</sup> *Transepto*: galeria transversal de uma igreja, que separa o altar-mor da grande nave e forma os braços da cruz.

*José Antônio de Ávila Sacramento*  
*www.patriamineira.com.br*



Imagem do Arcanjo Miguel, venerada no altar-mor da Igreja de São Miguel do Cajuru, no distrito de Arcângelo, município de São João del-Rei - MG.

*Foto de Ulisses Passarelii – Set/1999*

*“Eis que veio em meu socorro Miguel, um dos primeiros príncipes. ...Miguel, que é vosso príncipe” – isto é, dos judeus” (Dan 10, 13 e 21). “Se levantará o grande príncipe Miguel, que é o protetor dos filhos do teu povo- o povo de Israel” (Dan 12, 1)*



*São João del-Rei – Minas Gerais - Brasil*

## O SURGIMENTO DO NOME E DO ARRAIAL DE SÃO MIGUEL DO CAJURU

**N**a região de São João del-Rei temos uma localidade com sua igreja matriz dedicada a São Miguel. Trata-se do Arraial de São Miguel do Cajuru, palavra indígena (Tupi-guarani) que significa boca ou entrada da mata, do sertão: de *Caá* = mata e *Yuru* = boca.

É mister registrar aqui a opinião do tio e pensador José de Alencar de Ávila Carvalho, nascido no Cajuru, que como se segue, apresenta o seu testemunho sobre uma outra possível origem do nome Cajuru. Alencar relata que “em pequeno, dêo o *Cajiru*, da infância perdida (ou aprofundada), ouvi das *nêgas* com qu’eu buscava água ( na Fonte do *Pintore*) para a avó:

*Óia Nhô, nos mato dos Pintore (memória portuguesa) ainda tem muita cajiru, rosinhas brancas, em tufos, mais que latadas, dentro do mato, nos gladies úmidos, recendentes a essências vegetais, coisa como que amanhecendo, de frias matas, sob a cerração onde ainda ressoava o ronco dos bugios... isso vai acabano, caba, cabô, meu Nhonhô...*

Seria o nome dessas florzinhas outra possível origem do nome Cajuru? A ego-história (de Ecléia Bosi, USP) pede o testemunho vivido pelo e do pesquisador. Se o testemunho dele não valer, com os seus cacoetes e timbres, então a história que esse cientista vai produzir, ela não passará de *estória, story, stories, nothing more...* Será apenas um eco a mais de fechadas vogais soando em noites frias de vento, na companhia do maior corvídeo ALLAN POE. O testemunho é coisa de retomada do modernismo em termos continentais; é mais lingüístico que urbanístico... Vêm das veias abertas, inda a gotejar, as de *Nuestra América*. O testemunho vale de fato, não de fita.

Cajuru, continua José de Alencar,

*é um termo descritivo, geográfico: é onde a estrada ou o caminho das tropas sorocabanas saía dos matos para as campinas, que se estendem bastante de Norte ao Sul, desde os cerrados até os pampas... Cajiru é botânico: é os ‘jiru’ dos caá, os ‘jirus’ dos matos úmidos, das florestas axilares do planalto mineiro.*

*Jiru* – “Guajiru; termo registrado por Pereira da Costa (velho pesquisador pernambucano), com o sentido de mulato, da cor da fruta indígena deste nome (sublinhei), ou seja, de um vermelho escuro, vivo, lustroso. *Guajiru* é uma rosácea descrita por Marcgraf com o nome Guajirú”. In Bernardino José de Souza, Dicionário da Terra e da Gente do Brasil, 4ª ed. (Onomástica Geral da Geografia Brasileira, Brasiliana. Vol. 164).

Essa rosácea selvagem pode ter u’a subespécie de floração branda e ainda por

classificar? De qualquer forma, salve a *nêga* (*Maria Brita* = Maria Brígida) que, buscando água na bica, no mato do Pintor, ensinou e mostrou ao ti'Alencar o que era o *Cajiru*, delicado nome das rosinhas dos matos cajuruenses.

O termo geográfico está ligado mais ao trânsito econômico-social, é verdade; a vegetação, porém, está presente num sem número de nossa onomástica geográfica. Dizem os estudiosos, Plínio Ayrosa, por exemplo, que o tupi lhe lembrava o vocalismo, a precisão do grego! Então, se há um termo *caá + jiru*, ele não ocorre à-toa! *Cajiru* soa e significa bem! Roseiral do mato, suave, delicado, dobrado em pétalas aromáticas, mas espinhoso. Rosa-espinheira!

“CAJIRUSIA... É necessário passar a alguém aquilo que ainda não passou, que afundou em indagações paralelas a outras culturas que agora nos acordam, nos potenciam, nos afligem ou nos afogam. Não falo das línguas: elas oferecem a plataforma, a forma chata, que permite o planar da asa-delta, asa reta, asa alta para ver de cima, em curvas audácias. *Cajirusism is such 'yorishness', 'yoorishnis'as in hearing germinant roots...*” (Alencar d'Ávila).

As origens do distrito remontam-se à segunda década do século XVIII, conforme registro do eminente historiador e genealogista são-joanense, Sebastião de Oliveira Cintra, em seu livro *Efemérides de São João del-Rei*, onde cita: “*uma referência escrita em 12/08/1719, sobre a Fazenda do Engenho de São Miguel, que possivelmente teria dado origem a São Miguel do Cajuru - atual Arcângelo.*” (grifo do autor)

Conforme consta do mesmo livro de Sebastião Cintra, em 1717 o Conde de Assumar expede ordem condenando o injusto procedimento de Padre Manoel Cabral Camelo, Vigário da Vara de São João d'El-Rey, que pronunciou novas censuras contra o ouvidor da Comarca, dr. Valério da Costa Gouvêia. O vigário se insurgira, alegando conflito de jurisdição entre os poderes Eclesiástico e Civil, contra a prisão de um clérigo, religioso dominicano, expulso da religião por ter sido encontrado em seu poder uma jóia pertencente à imagem de Nossa senhora da Conceição, dos padres da Companhia de Jesus do Rio de Janeiro. O rixento vigário chegou a fortificar (com paliçadas, barricadas e escravos dentro das matas, armados e em posições estratégicas, segundo relatou ao meu pai 'Zé Sabino' um preto véio que lidou muito na Fazenda e que ouvira o seu avô contar, certa vez, quando ainda era guri – nota do autor) a Fazenda do Engenho de São Miguel no Cajuru, onde residia, para resistir ao cumprimento da ordem do Conde de Assumar.

Em 22 de junho de 1719, do Engenho de São Miguel, onde se afazendava, o Pe. Manoel Cabral Camelo escreve ao Senado da Câmara da vila de São João d'El-Rey louvando a intenção manifestada de louvar São João Batista, orago da Vila. Para que houvesse o Santíssimo sacramento exposto na festa, exigia que o senado lhe enviasse petição. A imposição do vigário provocou violenta reação da Câmara. Em 10 de julho de 1719 o senado da Câmara escreve ao bispo do rio de Janeiro reclamando contra o vigário da vara, Pe. Manoel Cabral Camelo, que exigia lhe fosse dirigidos, em forma de petição, os pedidos de licença para as festas promovidas pelo Senado:

*Nos pareceu fazer presente à Vossa senhoria esta matéria para que não só como Prelado, mas como tão grande vassalo de Vossa Majestade, queira dar a entender ao reverendo Vigário da Vara que as festas se fazem pelos Senados com o nome soberano de El-Rey, Nosso Senhor, merecem mui diferente atenção...*

A 12 de agosto de 1719, D. Francisco de São Jerônimo envia resposta ao Senado:

*...talvez ignore o reverendo vigário a prática que usa com o Senado e com os mais Tribunais reais, que como representam a Majestade Real, não costumam pedir nas petições, mas só por cartas...*

Como o vigário da vara morava distante de São João del-Rei, na Fazenda do Engenho de São Miguel do Cajuru, agravaram-se as dificuldades para cumprimento das exigências do rixento Pe. Camelo. Assinaram a carta: Marçal Casado Rotier, Francisco da Costa Rego, Inácio da Costa Montalvão e Pedro da Silva Chaves.

Tudo nos leva a crer, então, que a origem do distrito foi mesmo de fato e não possivelmente a antiga Fazenda do Engenho de São Miguel, onde residira o polêmico Pe. Camelo.

O Arraial de São Miguel do Cajuru fica situado no antigo caminho dos tropeiros paulistas (Corredor/Estrada Real), cujos vestígios interessantes ainda se podem observar naquelas imediações. Vale registrar que o Caminho Real está sendo alvo de reativação com vistas ao turismo cultural, rural e ecológico, graças ao pioneirismo da idéia de dois são-joanenses: Átilla de Carvalho Godoy e Oyama de Alencar Ramalho. Esse antigo caminho ruma das *Minas Geraes* para Paraty-RJ e, segundo relato de Auguste de Saint Hilaire, viajante e naturalista francês, “possuía movimento de viajantes e tropas maiores do que as principais vias francesas” àquela época.

O distrito já conheceu épocas de grande importância e, no Império, ligou seu nome ao dos Barões do Cajuru, João Gualberto de Carvalho e seu filho, Militão Honório de Carvalho que teve seu nome vinculado à Revolução Liberal de 1842. Na época colonial instalaram-se no local importantes fazendas, além de a área se integrar em conhecida região de lavras auríferas. Hoje ainda há ali localidades com denominações antigas, que nos fazem lembrar minas de ouro havidas nas imediações: Fazenda da Lavra, Fazenda da Bêta. Vejam como estas citações comprovam a riqueza aurífera do então Arraial de São Miguel do Cajuru:

*“Cajuru: freguesia no município de São João d’El – Rey, entre o pequeno e grande Rio das Mortes. Possui minas de ouro que supposto fossem outr’ora muito trabalhadas, não estão contudo esgotadas”. (FERREIRA, Francisco Ignacio. Opulência de Minas Gerais. Revista do Arquivo Público Mineiro, v. 20, ano 20, 1924, p. 16).*

*“No Cajurú, distante d’esta cidade quatro leguas, ha jazidas auríferas em exploração, e vastas arêias alli foram outr’ora lavadas pelos antigos mineiros, mas especialmente e segundo informa o Engenheiro Inglês, alli existem inegavelmente*



*muitas riquezas á espera de sciencia, arte e capital.*” (Idem, p. 28).

“*No Cajuru, freguezia d’este municipio, a 4 leguas da cidade recommencaram-se trabalhos de mineração.*” (Chorographia Mineira: Município de São João d’El-Rey. Revista do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: Imprensa Oficial 1905, v. 1 e 2, ano 10, 1905, p.5 ).

É de amplo conhecimento dos habitantes mais antigos do local que, em tempos mais remotos, o povoado já existiu em local diferente do atual, certamente onde havia um rancho de pousadas de tropas, nas imediações do leito do Corredor Real, margem esquerda da atual estrada de terra - sentido Arcângelo/Madre de Deus de Minas - distante cerca de 1 km da atual sede do atual Arraial. Este sítio até hoje é conhecido pelos moradores como *Cajuru Velho*, e quase já não se encontram vestígios do antigo povoado.

*Cajuru Velho*, ao que se consta nas tradições orais de antigos moradores, foi se transferindo gradativamente para o atual lugar com a construção da Capela em honra a São Miguel, ocasião em que o casario foi se aglomerando aos poucos em torno do templo recém-implantado.

Contam ainda que, quando do planejamento da construção daquela Capela, houve conflito para se definir o local onde a mesma seria construída. Dois poderosos fazendeiros da região disputavam ferrenhamente para que a construção da Capela se desse em terras de propriedade deles, onde doariam uma gleba de terra e dinheiro para financiar a construção. Como não havia consenso, pois nenhum dos dois aceitava a hipótese de abrir mão para que a Capela fosse erigida no terreno do outro, após muitas discussões, aconselhados por terceiros, apaziguaram os ânimos e firmaram o seguinte acordo: partiriam cada um dos fazendeiros das respectivas sedes de suas fazendas, em dia e horário pré-determinados, montados em seus cavalos, indo um de encontro ao outro, a trote, através do Corredor Real e, no local onde se encontrassem seria o ponto exato para a construção da Capela em honra a São Miguel. Comprometeram-se ainda os coronéis turrões a unirem suas forças, patrocinando as despesas de construção e ornamentação da Capela pondo-se, assim, um final feliz à disputa. O nome desses coronéis é, até hoje, objeto de pesquisa do autor e talvez essa união das forças econômicas dos dois para erigir a capela, explique a riqueza ornamental e o cuidado na construção da mesma.

Observando-se atentamente o local onde está construída a atual Igreja não fica muito difícil de acreditar nesta história (ou estória?), pois aquele local não é dos mais próprios para se fazer uma construção, já que o mesmo se situa num elevado à beira de um barranco, local do suposto encontro dos dois fazendeiros (?).



## **FAZENDA DO ENGENHO DE SÃO MIGUEL** **(CASOS E “CAUSOS”)**

*“O que eu sei é terem vendido a casa e eu estar aí como um fósforo frio... É os corredores se abrirem súbito no vazio e um vento de saudade agitar a galhada já meio morta...”*

*“Nós somos inútil”*

(F. Pessoa)

**A** ‘Casa’? Ah, a casa era acachapada, de estranho teto elevado como no Minho (em Portugal), para fazer escorrer a nevasca. Na frente subia-se por uma escada para a saleta e dois quartos escuros ou sempre fechados... O assoalho ressoava nos altos alicerces e a memória também ressoava de gritos e ais! Hum... heim! As janelas da frente, em número de cinco ou seis, não eram simétricas porque entre elas havia uma alcova. A casa era quadrada, com ampla sala de jantar, que escondia um velho tear. À esquerda havia o rancho de “tirar leite”; dele uma porteira levava à casa de queijo, à cozinha, ao quintal. Tá bão? – ou ao moinho? Os construtores da Fazenda do Engenho cortaram a base de uma elevação e naquela plataforma... esconderam a Casa atrás do morro e da estrada que vinha do Cajuru. Aqueles velhos tempos eram tempos de medo: andarilhos, bandidos, ciganos, gente da Justiça Civil ou Eclesiástica. Havia sempre a espingarda, a garrucha, o punhal de cabo de chifre bem trabalhado, a manguara, o cabo de relho, a foicinha, mas, às vezes, não adiantava nada. O nosso sentimento barroco é feito de todas estas contradições. Somos ambíguos, diz Affonso Ávila (grande figura!).

O presente depoimento é de autoria do meu tio José de Alencar Ávila Carvalho, que bem conheceu e visitou a velha fazenda do Engenho de São Miguel várias vezes, antes que ela fosse criminosamente demolida.

Minha avó materna – Ana Etelvina de Ávila (1906-1989) – contava que havia ainda, um pouco mais abaixo da sede, para os lados da várzea, as senzalas. Relatou-me haver conhecido os vestígios do tronco de castigar os negros e da moradia deles. Conheceu também alguns negros e negras, descendentes de escravos que continuaram prestando seus serviços voluntariamente, na Fazenda, após a Abolição: “a velha escrava Emiliana deixou saudades!”, dizia ela.

Meu pai – José Colombo de Ávila (1913-1990) – relatava que sabia do caso da existência de um negro, ex-escravo, já muito velho, cujo nome ou apelido era *Manquêba*, que era tido como feiticeiro e curandeiro. Era temido por todos, pois era muito feio e tinha

lá os seus poderes. Quando esse negro faleceu, o cortejo fúnebre seguia da Fazenda do Engenho, rumo ao cemitério do Arraial, com o corpo dele sendo carregado dentro de um carro-de-boi; a certa altura, nas proximidades d'uma cava (caminho antigo, erodido pelas constantes passagens de tropas, carros-de-boi e enxurradas), o carro seguia sendo puxado com dificuldade, dando a impressão de estar pesado demais, “então cantava... e saía muita fumaça dos eixos”, forçando em demasia as seis juntas de bois. Eis que de repente os bois, como que aliviados, deram um tranco, um arranco, um solavanco no carro, que pareceu de uma hora para outra, ter ficado leve... Foram conferir, investigaram e, para espanto de todos, já não havia mais o corpo dentro do caixão... *Manqüeba* havia desaparecido misteriosamente. Então, naquele mesmo tempo, os sinos da Igreja, lá no Arraial do Cajuru, começaram a tocar sozinhos e a dobrar com tanta velocidade e força que saía até fumaça neles! (lembre-se que *Makeba* / *Manqüeba* é um nome bem africano, banto, de onde vieram negros fortes e inteligentes).

Havia também histórias (ou *estórias*) de trancas de portas que caíam sozinhas ao chão, fazendo imenso barulho no assoalho e, no entanto, ao serem vistoriadas, continuavam bem no mesmo lugar de antes (espíritos brincalhões?!). Barulhos estranhos... de correntes sendo arrastadas. Luzes estranhas... (Fogos-fátuos? Ou Boi-tatá? Um terreno, até hoje chamado de Batatal, fica ali naquelas imediações). Estranhas e misteriosas fogueiras ardiam nos ranchos, fazendo que as noites ficassem claras, e no outro dia, nem sinal de brasas ou de fogo aceso naquele local. *Ti'Quinca* – Joaquim José de Ávila – viu uma dessas fogueiras acesas no esterco, dentro do rancho. Afastou bem o esterco, que é matéria combustível, e foi dormir. No dia seguinte: nenhum sinal! Como é que o padre Quevedo explicaria isto? Ou ele negaria previamente, em nome de fantasias filológicas? Havia também uma mulher, misteriosa, que sempre vestida de branco era vista, durante certas madrugadas, encostada ao tear da sala “como se estivesse tomando conta dele”. O fato de o Padre Camelo ter montado ali sua fortaleza, tendo ficado entrincheirado e bem preparado à espera do “inimigo”, certamente também povoou muito a imaginação popular, dando origem à história e, também, certamente, a muitas *estórias*. Certas pessoas com que conversei sobre estes casos alegam que não existia nada de assombração nem nenhum mistério: “era tudo invenção dos antigos para evitar que aventureiros roubassem as suas fazendas; era uma maneira de afugentar as pessoas de lá.” É, pode ser...

Falavam também, os mais antigos, da existência de um quilombo naquelas proximidades, um pouco antes do Engenho de São Miguel; a informação pode ser verídica e o quilombo, tendo existido, localizava-se onde, até hoje, há uma propriedade denominada de “Pasto do Quilombo”.

Quem conheceu a Fazenda, como a minha mãe (Aparecida de Carvalho Ávila, 1922-2005), que nela morou, fala saudosamente de sua solidez, tamanho e estilo. Existiam seis quartos grandes, duas alcovas, uma saleta, um vasto salão (para bailes e saraus, diziam), uma outra sala grande onde havia o tear, a pedra de “quentar” fogo e bancos e mesas; havia ainda uma cozinha ampla, uma “sala de queijos”, onde eles ficavam “curando”; um outro “quarto dos queijos” possuía, instalada, uma banca para

espremê-los, um jirau e um forno grande, de lenha, para assar broas e biscoitos. Havia ainda uma despensa e outro quarto escuro (meio assim misterioso, pois ninguém sabia ao certo o que havia lá dentro!). A mobília, segundo informações de quem conheceu a Casa, era sólida e de madeira de lei, de “um tipo e tamanho que, dificilmente caberia dentro dessas casas de hoje”. Do lado externo havia o rancho, um tronco para os negros e outro para o gado, o curral, a casa de fazer queijos, a casinha da desnatadeira, uma ampla e bem cuidada horta de couves além de um galinheiro. Havia também o paiol, o moinho d’água com uma moega onde estava gravada a data de 1700 e poucos... Havia também as ruínas das senzalas.

Contam os mais antigos que os motivos alegados para a demolição era o fato de a casa ser “mal-assombrada”, ou ainda, que “a casa era fria, úmida, e fazia mal às crianças”. A minha avó e o meu avô paternos lá criaram oito filhos, todos saudáveis, tratando-se a afirmativa, então, de mera desculpa para por a casa abaixo. Outro motivo era a crença numa história de que haviam enterrado ali, sob a casa, potes ou garrafas contendo ouro em pó; então, para procurar o tesouro, jogaram a velha casa ao chão. Assombrações, se é que existiram, devem ter desaparecido. Será? Já dos potes ou garrafas com ouro em pó, não se tem notícias e nem comentários sobre o achado deles, embora haja notícias de que já escavaram muito em busca deles. Na Fazenda do Engenho de São Miguel viveram os ascendentes deste autor, tendo o meu pai nascido no local, no ano de 1913. Os alicerces em pedra da antiga casa ainda podem ser visualizados sem muita dificuldade, embora encontrem um tanto soterrados, semidestruídos e já tomados por densa vegetação. Quase no mesmo local da antiga sede, construíram com parte dos restos da malfadada demolição, outra casa menor e infinitamente mais pobre, ainda existente.



Fazenda do Engenho de São Miguel (Reprodução de desenho de José de Alencar Ávila Carvalho – 1925/2000)



## **DA NECESSIDADE DA RECUPERAÇÃO DO PRIMITIVO TOPÔNIMO SÃO MIGUEL DO CAJURU**

**H**ouve uma época, na ditadura Getuliana, em que a autonomia do Estado e a do Município deviam ser reduzidas. Queimaram os símbolos dos Estados em fogueira, bem nazista, no Rio de Janeiro. A partir de 10/XI/1938 o país viveu sem nenhuma constituição política: era o regime do caudilho gaúcho, nutrido de doutrina positivista de Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, doutrina materialista, em suma, a qual se somou à do fascismo italiano até as idéias racistas alemãs, para tanto estabelecendo-se os desfiles escolares no Dia da Raça, com a presença do ditador no campo do Vasco da Gama. Este nazi-fascismo tupiniquim, do Gustavo Capanema, Francisco Campos, Oliveira Vianna et alii só veio a cair de podre quando a gloriosa FEB voltou da luta nas montanhas italianas em 1945, deixando em Pistóia quase quinhentos companheiros enterrados! Desse ambiente mental de concepções políticas francamente pró-nazistas é expressão um discurso de Vargas a bordo do encouraçado Minas Gerais: ‘as democracias estão inapelavelmente mortas!’. Na Argentina as coisas não eram diversas e o grande vizinho até hoje é esconderijo de criminosos de guerra. É uma tradição de autoritarismo herdada da península ibérica. Em nossa triste América Latina a democracia, o humanismo, de que tanto falou e escreveu Jacques Maritain, é um cansativo e quase inútil aprendizado.

Assim José de Alencar Ávila Carvalho começa a descrever a ideologia daquela época – década de 1940. O nome do local foi trocado, sem consulta à população, em 31 de dezembro de 1943. Sebastião de Oliveira Cintra assim escreveu no seu livro Efemérides de São João del-Rei:

*1943 – Decreto Lei Estadual nº 1058 altera os nomes dos seguintes distritos do Município de São João del-Rei: S. Miguel do Cajuru, Onça, Nazaré e Conceição da Barra, que passaram a ter, respectivamente, as denominações de Arcângelo, Emboabas, Nazareno e Cassiterita. Já se emanciparam os dois últimos.*

Em face do exposto, os burocratas do IBGE decidiram eliminar os patronímicos duplos, as grafias que julgavam errôneas, etc. Assim estes sábios mostraram o lado massificante do caudilhismo, que em Pernambuco eliminou a sílaba inicial da velha designação de Itambé, quase divisa com a Paraíba, decidindo que se grafasse També, como se o I não tivesse rica semântica em língua Tupi (Guarani). Como já havia Cajuru em São Paulo e mesmo em Minas, eliminaram da toponímia histórica a expressão religioso-cultural de São Miguel do Cajuru! A invocação do São Miguel é de antes de 1719, quando o padre Manoel Cabral Camello se aquartelou no seu Engenho de São

Miguel, lá nos brejos próximo do arraial bandeirante da boca-do-mato, do Cajuru, isto é, alturas em que, das matas do sul, o Caminho velho, passado o Rio das Mortes, afinal atingiam-se os campos limpos, restando fechada, portanto, a boca do mato, o Cajuru.

Ocorre ainda um aspecto, e para os católicos é o mais relevante, consistente no desprezo completo à doutrina bíblica sobre os anjos, criaturas especiais destinadas por Deus aos seus serviços e à sua glória. Para encurtar esta demonstração do valor religioso-cultural do topônimo antes referido, note-se que Miguel é um dos grandes arcanjos, naturalmente dotados de missão superior às Ordens, Legiões e Potestades, uma vez que a liturgia saúda Miguel com o título de Príncipe das milícias celestes. Ele é, pois, um valor sumíssimo, e, por sua ação, foi colocado acima de outros arcanjos, guias...

Não vou aprofundar nisto, que constitui, como se vê, assunto rico e complexo, onde a atividade tem de se distribuir entre filólogos, tupinólogos, geógrafos, historiadores, filósofos, teólogos e até mesmo poetas.

Está delineada a agressão getuliana à cultura católica e barroca, ao nosso interesse histórico-cultural e até ao interesse comum, hoje constatável, a olho desarmado, no turismo interno e no internacional.

Está na hora de resgatarmos a grafia de São Miguel do Cajuru, não sumariamente *Arcângelo*. Por que Arcângelo? Isto é um empobrecimento, uma covardia jamais cajuruense o curvar-se à impostura do ateu e materialista que nos agrediu e humilhou.

Legalmente compete aos municípios promover a proteção do patrimônio histórico-cultural. Tanto o Estado como o Município têm o dever constitucional dessa proteção. Então ela é dever público, constitutiva da ação administrativa municipal - decretos e leis - e é imperativa. Assim sendo fiz encaminhar aos senhores componentes do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, na sua competência e respeitabilidade, pedido para que, doravante, devem grafar como topônimo **São Miguel do Cajuru**, pelas razões expostas e porque é denominação mais do que secular, achando-se protegida pela Convenção Ortográfica Luso-Brasileira. Trata-se, portanto, de grafia correta da linguagem, a que todos bons cidadãos devem obedecer.



## **A CAPELA ORIGINAL**

**C**omo era de praxe acontecer, a construção, em Arcângelo, de uma Capela filiada à Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei, seria conseqüência natural do desenvolvimento econômico e político do Arraial. Referências a esta primitiva Capela foi objeto de notícia na primeira metade do século XVIII, onde se lê: “23/07/1810 - Faleceu o Pe. Manuel Gonçalves Correia que foi batizado á 31/05/1745 na Capela de São Miguel do Cajuru, pelo Capelão Pe. Antônio João da Silva.”

Por provisão episcopal de 7 de agosto de 1833, foi instituída a freguesia de São Miguel do Cajuru, criada por decreto de 14 de julho de 1832, sendo o primeiro vigário encomendado o padre Isidoro Correia de Carvalho.

Segundo informações orais, a primitiva Capela dispunha de torre única, lateral e certamente teria sua planta organizada no tradicional esquema de Capela-mor, Nave e Coro, até hoje perceptiva - apesar das ampliações e modificações introduzidas posteriormente e que foram iniciadas em torno de 1925 -, não só pela própria volumetria da atual construção como por seus detalhes construtivos que mostram, nas partes mais antigas, beirais em beira-seveira (eira-beira-sub-beira) que são típicos da região e muito encontrados em São João del-Rei e Tiradentes-MG.

Como em geral ocorreu por toda parte, aquela primitiva Capela devia ser muito simples e pequena, devendo, com o crescimento da população e o natural desgaste, ser substituída por outra de maiores proporções, o que deve ter ocorrido a partir do início do século XIX.

Esta segunda Capela também sofreu interferências e descaracterizações, no início do presente século e,

*ainda que ampliada e profundamente alterada em seu exterior, a antiga Capela pode ser reencontrada internamente, caracterizando-se pelos altares do arco-cruzeiro e pela Capela-mor que mantém seus elementos básicos de organização e acabamento, inclusive na pintura de fundo que apresenta motivos florais de cuidada feitura e colorido exuberante. Entretanto, devem ser destacadas as pinturas da nave e da Capela-mor, que são o tema desta comunicação, e constituem singular exemplo de arte religiosa barroca de Minas Gerais, por sua excelente composição, cuidadoso acabamento e rigoroso, porém harmônico colorido (...),*

executado talvez à base de têmpera, que resiste mais do que o óleo à oxidação causada pela atmosfera.

A avó materna do autor disse que se lembrava da torre da capela antiga, pintada a óleo num prato, salvo engano com a data de 1891. Ela nasceu no ano de 1906. Com seis ou

*José Antônio de Ávila Sacramento*  
*www.patriamineira.com.br*

sete anos ela poderia observar a torre, em 1912, 1913... As obras que vieram a ampliar a capela original e o campanário graciosamente separado do corpo dela foram lentas, acontecendo com mais evidências até 1925 ou mais.



Representação do aspecto da primitiva capela do Arraial de São Miguel do Cajuru. Este prato é pintado a óleo e se achava pendurado à parede da nave da Igreja. Nele, a vista da torre e do templo primitivo era como se pintou acima. A data, no fundo do prato era 1891! O autor (Joaquim José da Natividade?!) terá desejado fixar o aspecto antigo, antes da ampliação da Igreja, terminada provavelmente em 1925. O prato a óleo, felizmente, foi copiado por Mara Ávila, anos atrás, em louça queimada. O original encontrava-se “desaparecido”, mas, após denúncia deste autor, foi recuperado; encontra-se atualmente no acervo da Igreja.



*São João del-Rei – Minas Gerais - Brasil*



## AS PINTURAS ILUSIONISTAS SACRAS

**A**s principais características que se aplicam ao forro da nave dessa igreja, acompanham diretamente o esquema tradicional de pinturas de forros de igrejas introduzido no Brasil, assim descrito:

*O modelo das pinturas dos forros das igrejas, ensinado ou trazido pelos artistas portugueses, simulava continuar sobre as paredes da nave ou Capela-mor um esforço arquitetônico para erguer um teto, onde se encaixa um quadro ricamente emoldurado. Esse quadro, com seu traçado independente, era apenas um adorno, sem estar sujeito aos pontos de fuga da estrutura arquitetônica, diferindo dos outros modelos europeus em que, através de um átrio ou teto vazado, se descortinava uma visão na profundidade celestial, com figuras esvoaçantes de anjos e querubins, personagens sagrados, nuvens e panejamentos, lançados num turbilhão ascensional que arrasta o olhar, eleva a alma irresistivelmente para as regiões celestes, para o infinito, onde se irradia o esplendor de Deus. Pinturas executadas no Rio de Janeiro, Minas Gerais e na Bahia comprovam a unidade do modelo trazido para o Brasil.*

São estas as principais características do forro da nave de São Miguel do Cajuru, que se incluem no terceiro modelo de pinturas de forros, assim qualificado:

*O partido da composição dessas abóbadas fica assim constituído de acordo com a seguinte idéia: erguer um quadro ricamente emoldurado à guisa de teto de um novo andar, sobre ordem arquitetônica que assenta na parte média das paredes laterais reais da igreja, apoiando-se também no arco-cruzeiro e muro do coro por meio do portal (óculo, vão, arco de triunfo, etc.).*

Acrescenta o eminente pesquisador Del Negro que o maior pintor desse modelo, que o desenvolveu e lhe deu os esplendores da culminância, encarnou-se em Manoel da Costa Ataíde. Embora sejam consideradas também como exemplos clássicos, as pinturas de forro da Capela-mor da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Penitência, no Rio de Janeiro, de Caetano da Costa Coelho (1725-1746), do forro da nave do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, de Congonhas do Campo, atribuída a João Nepomuceno Correa e Castro (1777-1784) e do forro da nave da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em Salvador (Bahia), de José Joaquim da Rocha (1773).

Ao descrever a pintura do forro da nave de São Miguel do Cajuru, que o Prof. Carlos Del Negro considera posterior a 1812, ele chama a atenção para o esquema da trama arquitetônica e do teto-quadro que a caracteriza:

*a trama arquitetônica sustentante, simétrica em relação aos eixos logitudinal e transversal, compõe-se de um muro-parapeito retilíneo e de agrupamento de pilastras*

*e colunas para formar arcadas. A ordem arquitetônica repousa sobre consolos, constituída de pedestal apainelado e emoldurado, coluna cilíndrica diante da pilastra, capitel com o respectivo entablamento em ressaltado. No estilo de Ataíde, fizeram-se os consolos ocre, pedestais azuis com molduras amarelas, fustes azuis, capitéis imitando ouro velho, friso azul entre arquivada e as molduras amarelas da cornija. Nos cantos da abóbada, imitados da nave de Ouro Preto, os doutores estão de pé, nos púlpitos (Santo Ambrósio/São Gregório/Santo Agostinho e São Jerônimo, fotos nº 4, 5, 6 e 7 respectivamente) em atitudes variadas e com os respectivos símbolos, porém lhes falta energia, devido à compleição franzina e ao desenho menos expressivo do que o de Ataíde. Há profusão de flores e muito coloridas. A composição da parte superior do quadro oval, mais densa, com muitas nuvens e querubins, tem grande afinidade com a Santíssima Trindade do forro da nave do Santuário de Congonhas do Campo. A comunicação com a parte inferior, mais densa, onde estão apenas três arcanjos ajoelhados, em adoração, faz-se por meio de pesadas nuvens (fotos nº 8 e 9). Estes dispõem-se no mesmo plano de frente da visão celeste. Os querubins, agrupados em duas coroas circulares, provocam um efeito perspectivo de profundidade. Céu amarelo-ocre dourado, com irradiações brancas, atrás dos arcanjos o fundo é azul. Predominam o vermelhão e o azul na pintura.*

Segundo o prof. Del Negro, esta composição é uma simplificação e adaptação do forro da nave do Santuário do Sr. Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo, com introdução de elementos da pintura do forro da nave de São Francisco de Assis de Ouro Preto.



Pintura da nave (medalhão central) da Igreja de São Miguel do Cajuru – Foto do autor.

Quanto à pintura do forro da Capela-mor,

*na trama que sustenta o quadro com a representação de São Miguel, predominam os concheados; no modelo que se encontra no forro da capela-mor do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, a trama sustentante constitui-se, principalmente, de enrolamentos e apresenta balcões nos cantos e nos eixos da abóbada. Devido às dimensões da capela-mor, nesta igreja, a trama sustentante liga-se a concheados que têm a forma de molduras de cartelas ao invés de balcões. Como há uniformidade na largura dos concheados, a trama desenvolve-se com grande variedade. A pintura do forro da capela-mor, em especial a representação de São Miguel, é descolorida se comparada à do forro da nave antiga. Paleta – vermelho de ferro, azul-anil, ocre, terras, raros verdes. A repintura torna-se mais evidente na capela-mor pelo recobrimento do vermelhão, também pelo emprego abundante de tracejado com filetes brancos nos concheados, além do modelado das meias-tintas, realçado com a adição do branco. Os escuros são obtidos com a tinta pura. Predominam, nos concheados, o azul anil, o vermelho de ferro, além das terras, espécie de sépia colorida muito clara; essas cores, em algumas partes, modificam-se, passando de uma para outra cor. A cercadura de toda a pintura do forro compõe-se de uma faixa ocre e moldura estreita, azul. Quanto ao emprego das flores, elas estão aderidas às extremidades ou a algumas partes salientes dos concheados, constituem-se de rosas comuns, com pétalas esbranquiçadas, e outro tipo de flor com centros granulados, onde fez os escuros dos grãos ora azuis, ora vermelhos, e as luzes brancas. Participam dos arranjos das flores as hastes com folhas miúdas, muito semelhantes à avenca. Raros verdes. Pintura à têmpera (...). Moldura do quadro formada por caprichosos enrolamentos, que a aproximam de uma figura retangular. Ao centro, São Miguel, representado com o pé apoiado à frente do outro, revela-nos a intenção do pintor de sugerir a figura em movimento, caminhando com o estandarte sobre as nuvens. As irradiações esbranquiçadas destacam-se do fundo ocre. Assumem aspecto de algodão as nuvens brancas, modeladas com meias-tintas gríseas. O modelado original da figura é suave: carnação com meias-tintas frias, faces coradas com vermelhão e pouca aplicação de filetes, apenas nas sobranceiras e olhos. Representou a camisa branca com meias-tintas ocre, a túnica e o capacete coloridos de azul-celeste. Foram interpretados com vermelho de ferro o penacho, o estandarte e o manto; este repintado com escuros negros. “São Miguel proclama o mistério da Santíssima Trindade, cujo símbolo está pintado no estandarte.*

Essas descrições, infelizmente, já não conferem com a realidade, pois foram prejudicadas por uma restauração à época muito mal feita por um pintor de São João del-Rei, que modificou a percepção tanto do conjunto quanto dos detalhes das cores.

Quem ainda se lembrava da pintura anterior lamentou a intervenção daquele que transformou o Arcanjo Miguel em uma figura obesa e com total ausência de movimento e de expressão facial.

Sobre esta restauração, certa vez, há cerca de dez anos, Hildebrando *de tal*, um humilde e tradicional morador do Cajuru observou:

*Óia Toninho, eu num gosteio da mixida não; era prifirive tê dexado a pintura do São Miguele véia mesmo, cumo ela tava: paricia inté que São Miguele ia saí andano lá das nuve...*

Esta é a humilde, mas legítima transcrição maneira de falar o “dialeto mineirês” e que contém a observação fiel de quem foi “nascido e criado debaixo das asas de São Miguel”, como Hildebrando mesmo costumava dizer.

Embora apenas os forros da nave e da Capela-mor de São Miguel do Cajuru justifiquem a inclusão da igreja na exemplificação das mais importantes pinturas religiosas barrocas de Minas Gerais e do Brasil, a Capela ainda apresenta expressiva decoração no forro do coro, onde, mais uma vez, a influência de Ataíde se faz notar fortemente e, em especial, na cuidadosa representação dos instrumentos musicais que ali figuram:

*Na abóbada de berço do antigo coro, que atualmente faz a transição entre a nave antiga e a moderna, molduras griseo azuis, com luzes brancas sobre um fundo branco, formam dois painéis laterais, deixando uma área oval no centro. Caracterizou a função do coro com uma composição de instrumentos musicais no centro oval e com dois pendentes de flores e outros instrumentos nos painéis. Predominam, na distribuição de cores, o ocre e as terras, principalmente nos instrumentos: violinos, trompas, flautas, etc. As flores vermelhas, azuis, e as rosas comuns chamam a atenção.; as flores vermelhas e azuis, que têm centro granulado amplo, apresentam pétalas curtas, brancas. Ocorrem, também, flores pequenas e azuis, e hastes com folhas miúdas, lembrando avencas.*

Por fim, devem ser ainda registradas as composições florais no arco-cruzeiro, que completam a magnífica decoração da Igreja de São Miguel do Cajuru: “uma tarja de talha dourada, com dizeres, orna o fecho do antigo arco-cruzeiro, cujo intradorso é pintado, de cada lado, com flores e concheados formando cartela.”



*José Antônio de Ávila Sacramento*  
*www.patriamineira.com.br*



Foto de José Antônio de Ávila Sacramento, 17 de maio de 2014  
*São João del-Rei – Minas Gerais - Brasil*

## DA AUTORIA DA PINTURA

**P**ermanece, porém, a incógnita da autoria da pintura dos forros da Igreja de São Miguel do Cajuru, que, certamente poderia ser de mestre Manoel da Costa Ataíde ou de um seu discípulo anônimo e talentoso. Neste contexto, de acordo com estudos técnicos mais recentes, atribui-se a obra a Joaquim José da Natividade. Natividade,

*nascido provavelmente em São João del-Rei, na segunda metade do século XVIII (...). Myriam Ribeiro (...), colocou a possibilidade de Natividade ter aprendido seu ofício com João Nepomuceno Correia e Castro, artista responsável pelas pinturas da nave e Capela-mor do Santuário de Congonhas (...). O Almanaque Sul Mineiro para 1884, de Bernardo Saturnino da Veiga rezava: “tem a igreja, (de São Tomé das Letras - MG) interessantes pinturas em seu teto e paredes, devidas ao pincel do habilíssimo artista Joaquim José da Natividade, natural de São João del-Rei.” A partir dessa informação - aliás, preciosa informação já que desapareceram dos arquivos locais os registros e os livros paroquiais anteriores ao ano de 1883 - Myriam Ribeiro, através de confronto estilístico atribuiu a Natividade dois novos trabalhos de pintura ilusionista, ou seja, as pinturas dos forros das naves das Matrizas de São Miguel em Arcângelo e Nossa Senhora da Conceição em Cassiterita.*

O forro pintado de Cassiterita (atual Conceição de Barra de Minas) não se encontra mais em seu local primitivo. Após sua restauração, o forro lamentavelmente foi vendido para colecionador particular e transferido da localidade.

É, portanto, importante considerar a hipótese de que a autoria da pintura da Igreja de São Miguel do Cajuru possa ser de Manoel da Costa Ataíde. Assim, devem ser continuados e ampliados os estudos e pesquisas referentes à pintura.

Tradições orais, relatadas por antigos moradores do Arraial de São Miguel do Cajuru, dão conta de que o pintor extraía os corantes utilizados em sua pintura, de uma mata próxima ao povoado, local denominado Mata do Pintor, em decorrência do fato. Mas também é provável que ele colhesse na mata conhecida (hoje já derrubada) o óleo de Copaíba, que dissolve e fixa os pigmentos da tinta, às vezes contendo excesso de óxido de zinco e carbonato de chumbo. Uma análise química de futuro poderá esclarecer este ponto de micro-estória ou de História!

O pintor ia sozinho buscar a tinta. Sempre. Ele não queria que os curiosos retirassem os tubos de saída da seiva ascendente? Diziam os mais antigos: “quando o pintor estava no mato, via-se uma fumacinha sobre.” O que é que ele aquecia lá? A verdade, nunca dita, foi eliminada de vez com a derrubada daquela histórica mata, e assim, como que para dar certo ar de mistério aos fatos, não existem mais as Copaíbas (nem os Jacarandás, os Ipês, Candeias, Cedros, Mangues...), não existem mais as delicadas *Cajirusias* ou outras espécies nativas para testemunhar a verdade daqueles

acontecimentos.

Até mesmo a fonte de água fresca – Fonte do Pintor -, onde as *nêgas* buscavam o líquido com o *Nhonhô*, em latas e potes com rodilhas de panos enroladas na cabeça, para abastecerem as casas do Arraial, secou-se.

Sumiram também os bugios, tucanos, sagüis, jaguatiricas, veados, tamanduás, diversos pássaros e borboletas. Tudo se transformou num “deserto”, com vistas a abastecer as vorazes bocas dos fornos a carvão de nossas siderúrgicas e, também, a sede inesgotável das madeiras que, muitas das vezes, não proporcionaram(vam) os sonhados e suficientes retornos financeiros aos proprietários das terras, que continuavam(ram/uam) e continuarão (?) em dificuldades financeiras, e também, sem as suas/nossas exuberantes florestas. Pobre mata... *Pobre* Mata Atlântica e *pobre* povo de São Miguel do Cajuru.



## **A IGREJA, ATUALMENTE.**

### **AS FESTAS, ONTEM E HOJE.**

**A**tualmente, a igreja apresenta-se dividida em três partes: as antigas Capela-mor e nave, separadas entre si pelo também antigo arco-cruzeiro; o primitivo coro foi demolido, restando apenas indícios e a pintura de sua abóbada, com motivos que lembram a divina arte da música. Onde seria a antiga porta principal de entrada e frontispício, abriu-se um vão em toda a sua largura que dá para uma segunda nave, guarnecida de varandas laterais, do tipo balcões ou tribunas, que ligados ao novo coro, lhe dão interessante aspecto, incomum em igreja destas regiões. Essa interferência, como também a descaracterização externa, são acréscimos ocorridos no presente século, a partir de 1925. A talha dos altares lembram outras igrejas (de Santo Tomé das Letras, Conceição da Barra de Minas e uma Capela rural em São Vicente de Minas), construídas por uma mesma oficina ou equipe de construtores que atuou nesta região nos primeiros trinta anos do século passado. O modelo é idêntico, comportando um altar-mor, aqui dedicado a São Miguel Arcanjo e dois altares laterais, situados nos cantos dianteiros da nave, junto ao transepto ou arco-cruzeiro. Tais altares são aqui dedicados ao Arcanjo São Gabriel (ângulo esquerdo de quem entra) e ao Arcanjo São Rafael (ângulo direito de quem entra). Sobre o arco-cruzeiro, que dá acesso a Capela-mor, e sobre cada um dos altares laterais, lêem-se, em graciosos florões ou escudos dourados, inscrições latinas que lembram o papel de cada um deles, conforme a significação de seus próprios nomes - *QUIS SICUT DEUS!*, *MEDICINA DEI* e *FORTITUDO DEI*. Do acervo de imagens da igreja, constam como preciosas as seguintes: São Miguel e outra imagem do mesmo arcanjo, em tamanho menor, São Rafael, São Gabriel, São José de Botas, Sant'Ana Mestra São Sebastião, Santo Antônio, São João Batista e dois crucifixos. Interessantes também são as imagens de Santa Cecília, São Benedito, de uma Nossa Senhora que lembra Nossa Senhora Auxiliadora e de um santo, em trajes episcopais, provavelmente Santo Afonso de Ligório. A torre, refeita há cerca de 15 anos atrás, quando ruíra a anterior, está em total desacordo e desproporção com o conjunto arquitetônico, mas preserva três excelentes sinos, de agradável sonoridade. Num deles, lê-se a data de sua fundição, em três linhas sobrepostas: 18-1882-1º, que parecem significar 18 de janeiro de 1882.

Sobre a imagem de São Benedito é oportuno registrar o que disse o espetacular escultor sacro Osni Geraldo de Paiva: “observando atentamente a imagem de São Benedito, identifiquei os traços fisionômicos dele nas faces de vários negros do Arraial, principalmente os moradores da ‘Rua-de-trás...’ Seriam os negros a que se refere Osni Paiva descendente d’um modelo vivo que foi usado para esculpir a fisionomia do



Santo? Há vários registros, por este Brasil afora, dessas tentativas de aproximar as fisionomias das imagens sacras de rostos humanos; “isto não é raro”, disse-me ele.

Vários objetos de valor, remanescentes da Capela primitiva foram vendidos, perdidos e/ou subtraídos no decorrer dos anos. Juntamente com antigos moradores do lugar, que ainda se lembravam da riqueza da imaginária e outros objetos da igreja, relacionamos e denunciemos que, atualmente, estão faltando:

Vários castiçais em prata (consta que o Pe. José Bonifácio dos Santos, ao falecer, em 20 de julho de 1887, deixou 400 mil réis e 10 castiçais de prata de lei para a matriz do Cajuru); turíbulo, também em prata e um cálice antigo (que estão, erradamente, numa capela da comunidade da Vendinha); duas telas grandes, com motivos religiosos, que ficavam nas laterais do coro da igreja (possivelmente pintadas por Ataíde ou Natividade – o estilo era o mesmo das pinturas das abóbadas da Igreja); um relógio antigo, estilo carrilhão; um lustre de cristal (hoje substituído por um menos, de pouco valor); lampadário do Santíssimo; resplendor de São Benedito, em prata; chave original do sacrário, a qual diziam ser de ouro; coxias torneadas em madeira de lei; bancos originais; várias pombinhas douradas (em ouro?), representando o Divino Espírito Santo, que ficavam dependuradas debaixo de onde existem uns arcos, no acréscimo da Igreja (ainda se via, há cerca de duas décadas passadas, os buracos usados para dependurá-las; após comentários e perguntas da mãe do autor, a pessoas do local, os buracos foram tampados, certamente para não deixar vestígios do que havia ali); paramentos muito antigos, roxos, bordados em ouro e prata; jarras para flores, porcelana pintada; crucificados de madeira, em formas e tamanho variados; uma tela emoldurada, retratando a Sagrada Face, que ficava afixada na parede lateral; imagens diversas, em madeira (recentemente apareceu misteriosamente, devolvida à Igreja, uma imagem de Santa Rita, em madeira, muito antiga). Misteriosamente também, um prato com a pintura da capela original, que andava sumido, apareceu na Igreja, após o seu sumiço ter sido denunciado publicamente pelo autor. Ninguém vê as coisas desaparecer e, muito menos ser devolvidas... Talvez seja a grande quantidade de chaves, na posse de muitos “devotos” de São Miguel, o motivo de as coisas ali serem assim tão misteriosas. Uma pessoa, habitante do local, certa vez chegou a fazer a seguinte observação: “É, esta Igreja sempre foi roubada, mas nunca encontramos as suas portas ou janelas arrombadas...”, daí, diante disto, fica fácil concluir que... (?). E, para não prejudicar as investigações que estão sendo levadas a efeito, limito-me a parar aqui, por enquanto...

Uma explicação para o sumiço da chave do sacrário pode ser porque:

*“era costume das pessoas, na intenção de ‘fecharem o corpo’, apoderarem-se dessas chaves de sacrário, para serem usadas nesses rituais; as chaves eram aplicadas nas juntas ou articulações do corpo, em movimentos rotativos, simulando estarem sendo usadas numa fechadura, acompanhado de pronunciamento das palavras apropriadas ao rito. Após isso a chave era, muitas das vezes, guardada com um amuleto; hoje ainda existem muitas pessoas que carregam, presas em correntes penduradas ao pescoço, réplicas de chaves: são lembranças que nos remetem ao fato descrito. Outra*

*explicação seria mesmo a subtração da dita chave dado o seu valor intrínseco, por ser de ouro”.*

A Igreja é um referencial religioso e social para os moradores do lugar e arredores que, em seu interior, reúnem-se para celebração de missas, casamentos, batizados, velórios, bem como para a discussão e resolução de seus problemas comunitários.

Sempre foi e ainda é tradicional a festa dedicada aos Arcanjos Gabriel, Rafael e Miguel. São Miguel é o mais venerado, justamente por ter nomeado o local e ser também padroeiro do Distrito, sendo dedicado em sua homenagem o dia 29 de setembro, quando uma concorrida procissão, com a sua bela imagem, piedosamente, percorre as humildes ruas do Arraial, com toda a pompa e solenidade costumeiras. Apesar de o dia consagrado ao arcanjo São Gabriel ser o de 24 de março e do arcanjo Rafael ser o de 24 de outubro, estes dois arcanjos são festejados conjuntamente, na festa do mês de setembro, dedicada a São Miguel. Nessa ocasião a imagem dos três arcanjos, além das de outros santos e santas como São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida, São Benedito e Santa Cecília também fazem parte da procissão.

À noite, lá pelas oito horas, havia animados leilões de prendas e de gado. Lembro-me de uma pessoa travestida de boi, cabeça com enormes chifres, restante coberto por pano estampado animando e dando carreiras nos mais distraídos e nos meninos: eu pensava que era o *coisa ruim* e tinha medo até de olhar. Havia bailes (dos pretos e dos brancos), folieiros tocando e cantando junto ao mastro de São Miguel, distribuição de cartuchos de amêndoas muito enfeitados e saquinhos de balas com a inscrição Viva S. Miguel.

Tudo terminava com espetáculo pirotécnico e com foguetório, alguns foguetes de lágrimas e bastante coloridos, além d’uma interessante e giratória “roda-de-fogo” que atraía a atenção de toda a meninada, incluindo aí este autor, que lá pelo final da década de 1960, perdia, muitas das vezes, o que para nós, meninos, era considerado o melhor evento dessa festa; tinha de retornar, a pé, para a fazenda da Congonha, enquanto ainda era dia claro... Eu lamentava e chorava baixinho, em vão, restando apenas o ouvir, ao caminhar cerca de uma légua por tortuosos e cobrentos caminhos, o espoucar dos fogos. Chegávamos à fazenda pela noitinha, então eu lavava os pés, ia dormir sonhando com as línguas de fogo, com o cheiro da pólvora e com aquela alegria iluminada que, certamente, reinava entre os meninos lá presentes. Raras ocasiões, muito poucas vezes mesmo, nos era dada a oportunidade de “pousar” na casa de tias ou tios, no Arraial, onde, sob a vista dos pais eu podia observar e aproveitar um pouco mais aqueles folguedos.



## A MÚSICA. MAESTROS E... TROMPISTAS!

**H**á - ou havia? - um arquivo de Banda e de Orquestra no Cajuru. São composições de muitos autores da época que vai até aí pelos 1936... São cópias (claras e bonitas), feitas pelos maestros Olympio Zeferino da Silva e Christiano Müller, de gente do Estado do Rio, da Banda do Corpo de Bombeiros e de Batalhões da Polícia do mesmo lugar. Tudo está desorganizado, misturado e se perde talvez na goteira ou roído por térmitas e ratos.

Segue-se o testemunho de José de Alencar Ávila Carvalho:

*“Christiano me disse que teve uma banda ‘só de pretos’ no Cajuru, usando colarinhos ‘de gola alta’ e instrumentos de metal, todos ‘de volta’ como as trompas. A obra do velho e saudoso mestre do Ginásio Santo Antônio, da Banda ‘Furiosa’(onde eu toquei trombone), se acha no bairro do Carlos Prates, BH, encaixotada. Disse-me isso o neto de Christiano, Augusto, aposentado do Banco do Brasil”.*

Prossegue em seu depoimento José de Alencar:

*“Ora, no Cajuru eu subi ao coro, várias vezes, e vi ‘seu’ Otaviano da Lavra e outro, tocando trompas! É espantoso, não é? – Pena que esta cultura está esquecida, morrendo ou já morta. Zé Antônio, faça algo!”.*

Esses músicos eram mestres da singeleza. Com seus espetaculares efeitos sonoros, não conheceram o estrelato e nem a luz dos holofotes... Mas tornavam o complicado em simples, dando lições de erudição e criatividade musical naquele sub-burgo “SUO TEMPORE”.

O professor Carlos Del Negro lembra os violinos, trompas e flautas; sim, havia (e ainda há!) uma faixa terminando a pintura da nave principal, onde se inicia a Igreja nova. Ali não só se viam instrumentos nomeados acima, mais, igualmente, o fagote, o clarim... Tudo num original entrelaçamento barroco, expressando o gosto dos cajuruenses por sua música orquestral, seus sinos, fogos e bandas. Havia famílias inteiras, até aí pelos 1930 e tantos, dedicadas à música, como a gente do ilustre mestre e maestro Olympio Zeferino da Silva, da Fazenda da Lavra (de antigos mineradores).

Os naturais daquele Distrito, desde há muito tempo, buscavam homenagear vocação musical do povo do lugar e, assim, decerto que encomendaram a pintura de diversos instrumentos nas tábuas que ornamentam o coro da Igreja; o fato fez com que Suzy de Melo assim se pronunciasse: “esta decoração do coro, além de original, é pouco encontrada em capelas de pequenas dimensões, indicando excepcional cuidado na ornamentação da igreja”. Pois é: acredito que somente o amor e o devotamento dos cajuruenses à música poderiam justificar essa excepcional ornamentação de que Suzy fala

assim tão admirada!

Há também a presença da imagem de Santa Cecília na Igreja – ela é a padroeira dos músicos – um indicativo do gosto musical daquela gente. Ainda hoje existe uma banda de música no local, intitulada “Banda Santa Cecília”, sobrevivendo precariamente.



Detalhe da pintura do antigo coro da capela, com trompas, violinos, flautas e outros instrumentos, com rica ornamentação fazendo a transposição da antiga nave para o acréscimo da atual igreja. Foto do autor.



## **TALHAS E PINTURAS: SITUAÇÃO ATUAL**

### **ANTE-PROJETO DE RESTAURAÇÃO**

**F**azendo um diagnóstico geral do forro da nave e capela-mor, observou-se que o acervo pictórico apresentava-se com problemas ameaçadores, decorrentes da ação do tempo: descolamento da camada pictórica; manchas generalizadas; escurecimento e sujidades nas pinturas; rachaduras decorrentes da dilatação dos suportes; perda do suporte devido à ação de insetos xilófagos; perdas da base de preparação que estão bastante ressecadas; perdas da camada pictórica... Era necessário que se fizesse uma análise em toda a estrutura do forro, efetuando-se uma higienização, com a troca de suportes estruturais e imunização. Quanto ao forro da Capela-mor, a restauração deverá seguir instruções que se adequem ao gosto e tradição da comunidade como às normas próprias da restauração. Quanto ao restante da igreja deverá ser também realizado os trabalhos de conservação e restauração para uma melhor harmonização do conjunto. Com relação aos altares deverá se proceder a limpeza do ouro oxidado, bem como a instalação de extintores de incêndio e revisão da instalação elétrica de toda a igreja. Enfim, os trabalhos de conservação/restauração podem ser mais bem vistos e analisados através do relatório que fez o restaurador são-joanense Pedro Paulo Corrêa, elaborado quando ele, atendendo ao meu convite, esteve fazendo minuciosa inspeção naquela igreja.

Acho importante registrar aqui algumas indagações oportunas, inoportunas e que podem soar até estranhas em princípio, mas que precisam ser ditas “pro bono publico, pro cultura, pro fide nostra ut semper catholicissima”. Como mencionei, as pinturas estão sendo restauradas e o telhado também está sendo todo reformado. Os recursos que anteriormente seriam direcionados apenas para a restauração pictórica dos tetos tiveram, com a devida concorrência/licitação, os seus valores reduzidos. Assim, graças à interferência do chefe do Escritório Técnico do IPHAN em São João del-Rei, arquiteto Sérgio José Fagundes de Souza Lima, a sobra dos recursos foram bem aplicadas na necessária troca do madeirame do telhado, guarda-pós e pintura geral do templo.

Existiam dois quebra-molas que foram instalados á revelia da Prefeitura, na rua à esquerda do templo, por onde transita veículos pesados e cuja passagem abalava a Igreja, fazia correr as telhas da sua cobertura, causava trincas novas e aumentava as antigas, prejudicando consideravelmente a Igreja. A Administração Municipal, através do prefeito Carlos Braga, atendendo a um pedido meu, procedeu a diligência no local e entendeu que o obstáculo era mesmo lesivo à Igreja; providenciando a retirada deles (que são também proibidos pelo Código Nacional de Trânsito), o Chefe do Departamento Municipal de Trânsito foi ameaçado por um “político” do local, gratuitamente e sem maiores explicações ou fundação técnica. Ao procurar uma explicação para o episódio,

entendi que aqueles quebra-molas poderiam ser a única “obra” dele naquela Vila, dado o grande apego que ele demonstrou a ela. Pobre povo cajuruense que ajudou a eleger um “político” que pensa poder considerar a minha terra natal como um “feudo” ou um “curral”, onde a vontade particular deve sobrepor aos interesses maiores daquela comunidade, no caso o interesse religioso, artístico e histórico de toda uma região, Estado... É um abuso dele contra a memória daquela gente que, às vezes, se deixa enganar! A luta contra tudo aquilo que abala o trono de São Miguel continua, e continua também a batalha, esta um tanto quanto inglória, contra a mentalidade retrógrada daqueles que ainda não visualizaram a nossa entrada rumo ao terceiro milênio. Mesmo assim, após muitas discussões e polêmicas, os quebra-molas foram removidos.

Através deste autor e com o auxílio do escultor sacro Osni Geraldo de Paiva, está sendo pleiteada a doação de um sistema de alarme para proteger a Igreja, equipamento a ser disponibilizado pelo deputado estadual Ambrósio Pinto, através da sua assessora Jânia Costa. As imagens dos santos daquela Igreja, por questão de segurança, estão confinadas em um cômodo que, apesar de seguro contra possíveis furtos, é um tanto quanto úmido e sem ventilação, prejudicando aquela rica imaginária.

Solicitei também ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural que estudasse o tombamento de uma antiga casa defronte à Igreja de São Miguel; na casa viveu um ícone religioso do local, o padre Miguel Afonso de Andrade (1912-1976). O objetivo da solicitação ao Conselho é o de preservar um belo exemplar de nossa arquitetura de época, além de a casa poder ser aproveitada futuramente como centro de memória do distrito. Também a reforma geral da Igreja e reurbanização do seu entorno está nos planos futuros.



Aspecto externo atual da Igreja de São Miguel do Cajuru  
*Foto de Ana Maria de Ávila – década de 1970*

## **CONCLUSÃO**

**C**ompletada, assim, a minha breve e humilde tentativa descrição das pinturas da Igreja de São Miguel do Cajuru, creio que já pode ser avaliada a riqueza decorativa da primitiva Capela (ainda perceptiva incrustada no interior da atual igreja), onde se nota uma uniformidade no tratamento cuidado e erudito da ornamentação de maneira pouco peculiar às Capelas menores e, principalmente, em localização mais distante.

O importante exemplo da pintura decorativa religiosa existente naquele local, na primitiva Capela, encontra-se praticamente intacto, a não ser pelo prejuízo causado pela já citada restauração. Agora já se procede a restauração propriamente dita, possibilitada através de recursos federais, repassados a Obras Sociais da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, com o apoio que nos foi franqueado pelo padre Sebastião Raimundo de Paiva, que é a responsável pela contratação, pagamento e fiscalização dos serviços técnicos.

É, portanto, justificável que ainda se tenha preocupação com o futuro da obra tombada recentemente a nível municipal, mas ainda não tombada pelo IEPHA e IPHAN, patrimônio que vinha sendo vitimado pela ação do tempo, pelas infiltrações e pela necessidade de restauração e falta de conservação e, assim, aquele acervo estava fadado ao perecimento e ao esquecimento de sua suma importância. Preocupava-me muito a possibilidade, mesmo que remota, de que poderia ocorrer com o forro de São Miguel do Cajuru a mesma coisa que aconteceu com o forro da Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Conceição da Barra de Minas, que, lamentavelmente, após ser restaurado, foi vendido e nebulosamente transferido daquela localidade.

É mister que ações governamentais, particulares ou empresariais financiem a restauração e a divulgação do precioso acervo pictórico, que se promova a ampliação dos estudos e pesquisas, para que exemplos como o da Igreja de São Miguel do Cajuru se tornem mais conhecidos e admirados. Através destes estudos, certamente será promovida também a preservação de um patrimônio de grande riqueza e indiscutível significação que é a nossa pintura religiosa barroca representada por aquela obra, praticamente esquecida naquele rincão de Minas Gerais.

Creio que não basta apenas fotografar, escrever e publicar sobre a pintura dos forros da referida Igreja; é preciso saber explorar-lhe os detalhes, verificar o que eles poderão dizer, assim como Miguel Ângelo, que não enxergava a pedra como matéria inerte, mas sabia dar forma e vida à ela.

A presente comunicação, assim, enriquece e chama a atenção, num esforço para que uma preciosidade, distante umas três dúzias de quilômetros de São João del-Rei, saia do seu anonimato e entre, como bem merece, no roteiro turístico histórico e artístico

*José Antônio de Ávila Sacramento*  
*www.patriamineira.com.br*

das Minas Gerais e do Brasil. Raras são as regiões, ou os países que oferecem tantos recursos turísticos históricos, artísticos, culturais como a região mineira do interior do Campo das Vertentes, que, infelizmente, ainda está longe de ser amplamente conhecida e/ou divulgada.

Algumas considerações aqui registradas foram oportunas e outras podem ser consideradas até inoportunas, estranhas ou humildosas. Mas elas são livres como as silicosas flores dos campos. São pesquisas que visam a iniciar alguns esclarecimentos sobre a Vila de São Miguel do Cajuru, sua história e vida que até então estão como que ocultas pela poeira do tempo. Que outros também possam escrever e ajudar a continuar este trabalho!

Convido, pois, a todos a se manifestarem e agir de modo eficaz, integrando-se nesta *nova cruzada* para evitar que pedaços de nossa história se percam definitivamente, mas que, ao contrário, sejam restaurados, divulgados, contados, historiados, sabidos e conservados!



Aspecto geral do interior da Igreja de São Miguel do Cajuru  
(com destaque para a pintura da nave. Foto do autor)

*São João del-Rei – Minas Gerais - Brasil*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Carlos Magno. *Considerações acerca da Pintura Rococó Ilusionista de Joaquim José da Natividade na região do Campo das Vertentes*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, vol. VI, 1988.

ÁVILA, Afonso. *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*, Debates, nº 35.

BUENO, Dr. Francisco da Silveira. *Vocabulário Tupi-Guarani/Português*. 5ª ed. Revista e aumentada. Brasilivros Editora Distribuidora Ltda., São Paulo, 1987.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del-Rei*. 2ª ed.. Imprensa Oficial, BH, 2v., 1982.

DEL NEGRO, Carlos. *Nova contribuição ao Estudo da Pintura Mineira* - Publicação nº 13 - SPHAN/MEC, Rio de Janeiro, 1945.

MELLO, Susy de. *Revista Barroco*, nº 12, Belo Horizonte, 1982/83, p. 209-214.

Revistas do Arquivo Público Mineiro. Vols. 1, 2 e 20 – anos 1905 e 1924.

RIBEIRO, Myriam. *A pintura de Minas Colonial - Ciclo Rococó*.

SOLIMEO, Plínio Maria. *Os Santos Anjos - Nossos celestes protetores*. Editora Padre Belchior de Pontes Ltda., São Paulo, 1997.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Publicação nº 13 - SPHAN/MEC, Rio de Janeiro, 1945, p. 71.

VASCONCELOS, Sylvio de. *Ataíde ou a marginalização da Pintura Barroca*. Publicado no Suplemento Literário de Minas Gerais, Ano IV, nº 126, 25 de janeiro de 1969, Belo Horizonte, MG.

## OUTRAS FONTES

Depoimentos orais de Ana Etelvina de Ávila, José Colombo de Ávila, Aparecida de Ávila Carvalho, Hildebrando (de tal) e José de Alencar Ávila Carvalho.

**N. DO A.** - Texto escrito no ano de 1999 e publicado originalmente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei* – MG, volume IX, ano de **2000** (disponibilizado em maio de 2014 com ligeiras atualizações).

